

Das Amazôniaas

REVISTA DISCENTE DE HISTÓRIA DA UFAC

ISSN Eletrônico: 2674-5968

Arte: Mabku Bane | "Yube Inu Yube Sbanu – mito de surgimento da ayabwasca", 2021.



DO MONOPÓLIO AO PLURALISMO: UMA ANÁLISE DO MERCADO RELIGIOSO DE IMPERATRIZ, MARANHÃO. O CASO DO SEGMENTO NEOPENTECOSTAL

Washington de Araújo Silva ¹

Gamaliel da Silva Carreiro ²

RESUMO

Este texto apresenta uma análise do cenário religioso da cidade de Imperatriz, Maranhão, com objetivo de mostrar como a liberdade religiosa e os processos de urbanização e transformação socioeconômica que esta cidade atravessou ao longo do século XX, foram fundamentais para especialização e pluralização da cultura religiosa local. O desenvolvimento do raciocínio é fundamentado na teoria do mercado religioso desenvolvida por Berger (1985; 2017); Stark (2004) e Stark e Iannaccone (1994). Em nossas análises verificamos que o mercado religioso de Imperatriz, inicialmente monopolizado pela Igreja Católica, vem passando por um processo de pluralização desde a década de 1950. Dos inúmeros segmentos e firmas religiosas atuando em condição de liberdade, o neopentecostalismo, com crescimento estagnado até o fim da década de 1990, tem apresentado alto índice de crescimento nos últimos anos. O modelo de gestão organizacional desse segmento, baseado nas chamadas células, e a oferta religiosa ressignificada, são elementos que têm contribuído para o seu crescimento e intensificação da concorrência e do reordenamento da lógica da oferta religiosa na cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Mercado Religioso. Pluralismo Religioso. Neopentecostalismo.

FROM MONOPOLY TO PLURALISM: AN ANALYSIS OF THE RELIGIOUS MARKET IN IMPERATRIZ, MARANHÃO. THE CASE OF NEO PENTECOSTALISM

ABSTRACT

This text presents an analysis of the religious landscape of the city of Imperatriz, Maranhão, aiming to demonstrate how religious freedom and the processes of urbanization and socioeconomic transformation that the city underwent throughout the 20th century were fundamental to the specialization and pluralization of the local religious culture. The reasoning is grounded in the theory of the religious market developed by Berger (1985; 2017), Stark (2004), and Stark and Iannaccone (1994). Our analyses show that the religious market in

¹ Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Maranhão (PPGS-UFMA). Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Pernambuco (PPGS-UFPE). E-mail: washington.sociologia@gmail.com

² Doutor em Sociologia pela UNB. Professor do Departamento de Sociologia e Antropologia da UFMA. Professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia- UFMA (PPGS). E-mail: gamaliel.carreiro@ufma.br

Imperatriz, initially monopolized by the Catholic Church, has been undergoing a process of pluralization since the 1950s. Among the numerous religious segments and firms operating under conditions of freedom, neo pentecostalism, which experienced stagnant growth until the end of the 1990s, has shown a high growth rate in recent years. The organizational management model of this segment, based on so-called cells, and the re-signified religious offering, are elements that have contributed to its growth and intensification of competition and the reorganization of the logic of religious supply in the city.

KEYWORDS: Religious market. Religious pluralism. Neo Pentecostalism.

1. INTRODUÇÃO

Este texto apresenta uma análise do mercado religioso da cidade de Imperatriz, Maranhão, com objetivo de mostrar como a liberdade religiosa e os processos de urbanização e transformação socioeconômica que a cidade atravessou ao longo do século XX, foram fundamentais para a constituição desse mercado que, pelo menos desde a década de 1950, vem sendo caracterizado pela pluralidade de firmas religiosas em atividade.

Partimos do pressuposto de que o fim do monopólio da Igreja Católica no Brasil foi um evento histórico importante para que a dinâmica no interior dessa esfera da vida social (Weber) pudesse ser alterada em todo o território nacional. Isto implica em processos de pluralização de ofertas de bens religiosos por organizações religiosas diferentes, com forças contrárias, obviamente, resistindo ao processo.

O mercado religioso é a condição em que as organizações religiosas operam como agências de mercado ofertando bens e serviços aos consumidores de religião. Essa oferta pode ocorrer tanto em uma situação de monopólio como de liberdade religiosa. No primeiro caso prevalece o trabalho de uma única instituição, que geralmente atua sob a legitimidade do Estado. Na segunda situação, prevalece o trabalho de inúmeras instituições, atuando em situação de liberdade religiosa (Stark e Iannaconne, 1994; Stark, 2004; Berger, 1985).

No Brasil, o mercado religioso foi monopolizado pela Igreja Católica oficialmente até 1889, com o Estado sendo o agente controlador da economia religiosa, coibindo a presença oficial e a manifestação pública de outras organizações. Entre os elementos que contribuiram para o fim do monopólio católico, destacamos: mudanças na estrutura política (ascensão da República) e socioeconômica do país; processos de imigração e a chegada das organizações protestantes ao país³.

³ Essas mudanças tiveram relação com a questão socioeconômica do Brasil, que a partir do século XIX, em razão da carência de povoamento e reestruturação econômica, viu surgir no debate público a questão da imigração como alternativa de povoamento e substituição da mão de obra escrava. Foi um período marcado também pela proliferação das ideias liberais e iluministas que exerceram grande influência no processo de formação da República e conseqüentemente na alteração dos

O oposto de uma situação monopolista é uma situação pluralista. Na esfera da religião, refere-se à coexistência de discursos, crenças, práticas e organizações religiosas e um mesmo espaço social em situação de liberdade religiosa. Para Berger tanto a liberdade religiosa como o pluralismo são condicionantes do mercado religioso, na medida em que numa situação pluralista, as religiões passam a operar como agências de mercado concorrendo umas com as outras (Berger, 2017).

Apesar de existir em diferentes momentos da história, o ápice do pluralismo religioso ocorreu no mundo moderno. A urbanização, industrialização, migração, avanço tecnológico e distribuição e acesso do conhecimento científico pelas diversas camadas sociais são alguns elementos da vida moderna que levam ao pluralismo (Berger, 2017, p. 43).

O pluralismo religioso no Brasil tem suas raízes no século XIX, sendo oficializado na constituição de 1890 e ratificado nas demais constituições. Todavia, ele se tornou mais visível no contexto da urbanização e industrialização do país, especialmente a partir de meados do século XX, impulsionado por processos de migração em que milhões de brasileiros abandonaram o campo e passaram a morar nas grandes cidades brasileiras em busca de trabalho (Rolim, 1985; Souza, 1969, Carreiro, 2017).

A ideia que é consenso entre diversos teóricos da sociologia da religião no Brasil é a de que os processos econômicos, políticos e sociais, específicos do mundo moderno, intensificaram mudanças estruturais no mercado religioso brasileiro, sendo, portanto, elementos catalisadores da racionalização religiosa e do pluralismo religioso. (Souza, 1969; Depinay, 1970; Camargo, 1973; Rolim, 1985; Siepierski, 2002).

Sua consolidação, no entanto, não ocorreu sem tensão e conflito entre a firma estabelecida (Igreja Católica) e os *outsiders* (especialmente, mas não só, evangélicos) pela legitimidade de crenças e práticas religiosas. Essas tensões se iniciaram ainda no período da República Velha (1889-1930), e se estenderam durante o Estado Novo (1930-1945). A luta dos grupos girava em torno de espaço na

dispositivos legais que favoreceram a implantação da liberdade religiosa no país (Carreiro, 2007). O Tratado do Comércio e Navegação, de 1810, garantiu liberdade de culto para imigrantes protestantes; a Constituição de 1824, concedeu a todas as outras religiões a permissão de realizar seus cultos domésticos em casas particulares; por fim com a Proclamação da República em 1889 e a reforma político-institucional realizada pela Assembleia Constituinte em 1890-1891, a liberdade religiosa foi definitivamente instituída. Entre outras coisas, o texto constitucional de 1891 garantiu a todos os cidadãos o direito de praticar pública e livremente suas crenças religiosas. No campo religioso, a influência do movimento de imigração ocorreu em razão dos imigrantes trazerem suas crenças religiosas ao Brasil. Este foi o caso dos ingleses, que trouxeram o anglicanismo em 1810; e dos alemães, que formaram, em 1827, a primeira comunidade protestante luterana em terras brasileira. Esse primeiro grupo ficou conhecido como protestantismo de imigração. Acompanhando o novo quadro sociojurídico que foi se instalando, o protestantismo de missão, assim chamado porque buscava converter o brasileiro às crenças protestantes também começou a se instalar no Brasil. A primeira tentativa ocorreu com o metodismo entre 1836 a 1840. Esse grupo só, no entanto, se estabeleceu institucionalmente por meio das igrejas Congregacional (1858), Presbiteriana (1859), Metodista (1867) e Batista (1882).

sociedade para a realização de seus rituais e práticas religiosas (cura, danças, tambores, reuniões de possessão, abertura de templos, realização de atividades proselitistas), reprimidas e classificadas pelo Estado e pela Igreja Católica como incompatíveis com a cultura católica dominante no país.

Em face ao poder do Estado de definir o que era e o que não era religião, coube aos grupos religiosos minoritários e estigmatizados responderem às ações estatais se organizando associativamente em prol da defesa de suas crenças e práticas. No caso das religiões de matriz africana, conforme observa Montero (2006, p. 13) “o próprio processo de repressão a essas práticas consideradas ‘selvagens’ e antinômicas à ordem pública contribuiu para que elas fossem progressivamente assumindo a forma legítima de ‘religião’, de modo a constituir o pluralismo religioso” tal como ele se apresenta hoje na cena pública brasileira.

O caminho de legitimação das firmas religiosas evangélicas, especialmente nos primeiros anos do século XX não foi tão complicado quanto o das religiões de matriz africana, mas não deixou de gerar conflitos e tensões em todo o país, inclusive nas pequenas e médias cidades brasileiras.

A afirmação do pluralismo representou a redefinição do perfil religioso do Brasil, e resultou na afirmação das tradições indígenas e afro-brasileiras; na maior visibilidade das religiões orientais e presença pública do judaísmo e islamismo; na popularização do Espiritismo Kardecista, dos Mórmons e das Testemunhas de Jeová; na ascensão das religiões espiritualistas que se configuram em torno do movimento da Nova Era; no surgimento e fortalecimento dos movimentos de renovação do catolicismo e pelo crescimento dos evangélicos, em especial dos pentecostais e neopentecostais (Ribeiro, 2023).

Na condição pluralista, a religião é caracterizada pelas seguintes situações: enfraquecimento dos seus discursos de certezas; diversificação das suas estruturas de plausibilidade; relativização dos seus conteúdos; alteração das suas relações institucionais; modificação da relação entre laicato e os especialistas religiosos; ampliação da capacidade de escolha individual da religião e associação voluntária dos indivíduos às organizações religiosas (Berger, 2017). Essa condição é materializada na existência de um mercado religioso competitivo com inúmeras empresas religiosas buscando atender ao gosto e às preferências dos consumidores religiosos.

Operando como agências de mercado, as tradições mais antigas tendem a reavaliar sua gestão organizacional e sua dinâmica de trabalho caso pretendam continuar obtendo resultados positivos no mercado. O mesmo acontece com os novos movimentos religiosos que se estruturam e se organizam visando adaptarem-se às regras e exigências do mercado.

No Brasil, como já citamos, o pluralismo religioso como processo histórico teve início formal ainda no século XIX, mas sua consolidação ocorreu no século XX. O processo de pluralização do mercado religioso brasileiro, no entanto, ocorreu de acordo com as condições sócio-históricas de cada região onde ele se estruturou. Assim, o nosso desafio, a partir de agora, é compreender como foi esse processo no mercado religioso de Imperatriz.

2. A CIDADE DE IMPERATRIZ: DO RURAL AO URBANO

Para situarmos espacial e temporalmente o mercado religioso de Imperatriz, e compreendermos as circunstâncias históricas em que ele foi formado, é fundamental fazermos uma análise do desenvolvimento histórico dessa cidade, trazendo para a discussão alguns elementos que nos ajudam a compreender as condições históricas para o seu surgimento e desenvolvimento.

A formação das cidades corresponde a complexos processos econômicos, políticos e sociais. Em sua configuração moderna, está integrada à espacialidade do Estado Nação, sendo moldada por uma extensa rede de solidariedade entre os grupos. Essa configuração a torna um espaço propício para o desenvolvimento de mercados, instituições sociais e outras formas de vida social incluindo a religião (Oliven, 2009).

A cidade de Imperatriz está localizada no sudoeste do estado do Maranhão, na região da Amazônia maranhense. Sua fundação ocorreu em 1852, e foi resultado do trabalho de uma expedição de colonização da província do Pará, formada por militares, colonos e pelo frei carmelita Manoel Procópio responsável pelo aldeamento dos indígenas para que o processo de colonização avançasse. Inicialmente recebeu o nome de Colônia Militar de Santa Teresa, em 1856 passou a ser chamada de Vila Nova de Imperatriz, e posteriormente apenas de Imperatriz. Em 1924 a vila foi elevada à categoria de cidade.

Até a segunda metade do século XX, teve um lento crescimento e permaneceu isolada tanto da capital São Luís, como dos principais centros econômicos das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Situação que foi modificada em 1953 com a construção da estrada que liga Imperatriz a Grajaú. Maiores mudanças só tiveram início a partir de 1958 com a construção da parte maranhense da Rodovia Belém-Brasília. Inaugurada em 1974, passou a integrar Imperatriz à cidade de Belém e à região Centro Oeste do país.

A construção da Rodovia Belém-Brasília fez parte dos projetos desenvolvimentistas do governo federal, voltado para a ocupação e integração nacional da Amazônia. Foi no contexto da

construção dessa rodovia que a cidade passou por um acelerado e desordenado crescimento urbano e processo de reestruturação socioeconômica.

Velho (2009, p. 23), descreve o crescimento de Imperatriz no período de construção dessa Rodovia como algo “extraordinário”, em comparação à sua condição anterior, de cidade estagnada, com população pequena e rural, sem muitas alternativas de transportes e cujo desenvolvimento esteve vinculado às suas relações comerciais com a cidade de Marabá, Pará.

Com relação ao crescimento populacional do município de Imperatriz, os censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que entre 1950 e 1960 sua população saiu de 14.064 para 39.169 habitantes. Nas décadas posteriores, período em que a construção da rodovia Belém-Brasília já havia sido finalizada, especificamente na década de 1980, sua população atingiu um número total de 220.095 habitantes. Entre 1980 e 1991 houve um aumento na faixa de 56.406 pessoas, chegando assim ao total de 276.501 habitantes no censo de 1991.

No censo de 2000, sua população diminuiu, e foi reduzida para 230.566 habitantes. Essa variação pode ser explicada em razão da emancipação de seis distritos municipais, que foram elevados à categoria de cidade em 1994⁴. A concentração urbana dos seus habitantes, que já estava crescendo nas décadas anteriores, saltou de 76% em 1991 para 95% no censo de 2000, algo que também pode ser explicado em razão do desmembramento dessas cidades. No censo de 2010 sua população voltou a crescer em comparação com o censo anterior. O percentual de habitantes na zona urbana, contudo, permaneceu o mesmo.

Os impactos da construção da Rodovia Belém-Brasília também provocaram efeitos na economia de Imperatriz. Entre as décadas de 1950 e 1980, contexto de construção da rodovia, suas principais atividades produtivas eram extrativistas, com destaque para o ciclo da madeira e para o ciclo do ouro. A indústria de transformação, o comércio de mercadorias, a prestação de serviços e outras atividades de caráter mais urbano se destacaram somente a partir dos anos de 1980 (Franklin, 2008; Nogueira, 2013).

Como resultado desse crescimento, Imperatriz se tornou a segunda maior cidade do estado do Maranhão, e ainda na década de 1980 alcançou o posto de principal centro econômico e urbano de sua microrregião⁵. Sua importância, entretanto, vai além dessa localidade e perpassa um grande número de cidades, abrangendo uma zona regional que integra os estados do Tocantins e Pará.

⁴ Os distritos que foram municipalizados em 1994 formam atualmente as cidades de Davinópolis, Ribamar Fiquene, São Francisco do Brejão, Cidelândia, Vila Nova dos Martírios e São Pedro da Água Branca.

⁵ A microrregião de Imperatriz abrange 16 municípios maranhenses e totaliza uma população de aproximadamente 566.701 habitantes.

A partir dos anos 2000, com sua economia pujante, e com o setor do comércio e serviços em alta, suas atividades industriais também apresentaram um crescimento expressivo. Após a instalação da multinacional Suzano Papel e Celulose, em 2014, a produção desse setor se tornou ainda mais acentuada, a ponto de ser um dos responsáveis pela elevação do Produto Interno Bruto (PIB) do município nas últimas décadas.

A chegada dessa multinacional consolida a posição de Imperatriz como centro econômico regional, visto que empresas desse porte se instalam preferencialmente em localidades que desenvolveram as condições políticas, econômicas e logísticas capazes de suprir suas demandas. Entre os elementos favoráveis à sua chegada, destacam-se: benefícios fiscais; estradas e ferrovias; incremento da estrutura elétrica e uma extensa rede de serviços nas áreas de “[...] saúde, educação, financeira, comunicação, hospedagem, transporte e abastecimento em geral, capazes de atender às necessidades da indústria e de todo aparato necessário para instalação” (Souza, 2020, pp. 50- 55).

Para Gomes Júnior (2015) o ganho de importância de cidades intermediárias como Imperatriz tem a ver com a pouca quantidade de cidades com oferta de bens e serviços que atendam as regiões em que estão localizadas, e com ações políticas de integração nacional, que favoreceram o desenvolvimento dessas cidades. Por outro lado, a intensificação e permanência, dessa centralidade ocorre devido à modernização e especialização do trabalho e das suas bases produtivas.

Apesar dos avanços nesse início do século XXI, na esfera da infraestrutura, economia, tecnologia, comunicação, ciência e educação, Imperatriz ainda conserva as características de uma cidade de fronteira, que agrega e mistura elementos do mundo rural e urbano. Sua população, que em 2022 chegou aos 273.027 habitantes, apesar de estar concentrada quase cem por cento na zona urbana, agrega grande contingente de pessoas vindos de pequenas cidades vizinhas, de características rurais e ainda ligada às tradições, crenças e elementos culturais próprios da região.

O desenvolvimento de Imperatriz, nesse continuum rural-urbano, e os processos de migração e urbanização, constituem um quadro de eventos históricos que considero como catalisadores do processo de formação e pluralização do mercado religioso da cidade. Em suma, tanto a origem, como a estruturação e pluralização desse mercado religioso foram processos que ocorreram paralelamente aos eventos formadores da sociedade imperatrizense.

A fundação da Colônia Militar de Santa Teresa, por exemplo, coincidiu com a chegada da primeira firma religiosa, que por quase cem anos exerceu o monopólio religioso. Na medida em que a cidade foi crescendo e passando pelos processos de urbanização e transformação econômica, o terreno

social para a instalação de novas organizações religiosas foi sendo formado. Algo que, conforme veremos, foi decisivo para a crise do monopólio católico e a pluralização do mercado religioso.

3. O MERCADO RELIGIOSO DE IMPERATRIZ: DO MONOPÓLIO AO PLURALISMO

Obviamente que antes da chegada dos colonizadores, existia vida religiosa entre os muitos povos indígenas no Brasil e em Imperatriz. Não obstante isso, parte desses sistemas religiosos foi desaparecendo à medida que os próprios índios eram eliminados. O peso desses sistemas religiosos se tornou cada vez menor e, de um modo geral, esteve restrito às próprias nações indígenas.

Dito isso, o mercado religioso de Imperatriz ganha força com a institucionalização do catolicismo na cidade. A expedição designada para fundar o povoado foi criada pelo governo provincial do Pará, e era constituída por colonos, militares e pelo frei Manoel Procópio, fundador da capela Santa Teresa D'Ávila, primeiro local oficial de culto da Igreja Católica na cidade de Imperatriz.

Da fundação Colônia Militar de Santa Teresa a 1930, época em que o povoado já havia sido elevado à categoria de cidade, o catolicismo exercia um domínio quase absoluto das práticas religiosas. Embora haja relato da prática do espiritismo por algumas famílias, não sabemos da existência de organizações espíritas formais. Por outro lado, a força do catolicismo marginalizava as tradições religiosas indígenas, confinando-as a estes povos, de modo que sua presença era pouco sentida entre os não indígenas.

O panorama religioso da cidade começou a mudar a partir de 1930, ano de fundação da Igreja Cristã Evangélica. Essa organização foi fundada pelos missionários ingleses Eva Mills e David Mills, e pelos australianos Donald Monteith e Vera Monteith, enviados de Barra do Corda pelo missionário canadense Perrin Smith, que residia naquela cidade desde 1912. Em Imperatriz foram recebidos por uma família protestante, e assim fundaram a Igreja Cristã Evangélica, a partir de onde mobilizaram trabalhos de evangelização direcionado aos povos indígenas, ribeirinhos e a população local (VERAS, 2017).

Com a presença protestante em Imperatriz, parte da elite da Igreja Católica se movimentou no sentido de reestruturar suas bases, e assim conservar sua hegemonia. Nesse sentido, em outubro de 1937, sob a gestão do frei Francisco, foi entregue o novo prédio da paróquia Santa Teresa D'Ávila, atualmente um dos principais espaços de celebração das missas católicas na cidade.

Apesar da oferta religiosa dos protestantes já ser uma realidade, o catolicismo ainda permaneceu dominante durante anos. Seus muitos recursos simbólicos e materiais lhes davam totais

condições para ampliar suas estruturas de trabalho. Capital religioso que também lhes permitiu conservar no imaginário social, seus símbolos e sua imagem de “religião verdadeira” numa sociedade já altamente catolicizada.

Pode-se dizer que durante toda a primeira metade do século XX, a Igreja Católica se manteve confortável no domínio do mercado religioso de Imperatriz. Nessas condições, nenhuma outra firma religiosa, com exceção da Igreja Cristã Evangélica, conseguiu se consolidar e concorrer com a firma católica. Essa situação só foi modificada a partir da década de 1950, na esteira do processo migratório e de urbanização da cidade.

4. PLURALISMO E CONCORRÊNCIA A PARTIR DE 1950

Conforme mencionado anteriormente, na perspectiva de Berger (1985), a liberdade religiosa, a migração e a urbanização, são fenômenos que contribuem para o aparecimento do pluralismo religioso e, por conseguinte de um mercado religioso. Em Imperatriz, conforme já relatamos, esses processos ocorreram a partir de 1950, período em que o fluxo migratório foi mais intenso e a cidade passou por uma acelerada urbanização.

A partir dos anos de 1950 novos grupos religiosos começam a se instalar na cidade. Os empreendimentos evangélicos foram os primeiros a chegar, inicialmente através da Igreja Evangélica Assembleia de Deus (1952), cem anos após a fundação de Imperatriz. Depois veio a Primeira Igreja Batista (1959); Igreja Presbiteriana do Brasil (1966); Igreja Adventista do Sétimo Dia (1967) e a Igreja Evangélica Luterana (1974). Além dessas instituições, atualmente há também registro da presença da Congregação Cristã do Brasil, Igreja Brasil para Cristo, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Casa da Benção, Igreja Deus é Amor e a Igreja Maranata⁶.

Importa salientar que estas são as mais importantes concorrentes do catolicismo no Brasil. Tratam-se de conglomerados organizacionais, inicialmente financiados por recursos oriundos de igrejas europeias e americanas, ou seja, estrangeiras, que usaram sua força financeira para expandir seu espaço de atuação no mercado religioso brasileiro. Assim, foi por meio do financiamento externo que essas organizações conseguiram marcar sua presença no território nacional e concorrer com o catolicismo por fiéis. O caso de Imperatriz é ilustrativo do que ocorreu em todo o país a partir do final do século XIX estendendo-se até a década 1990.

⁶ Não foi possível datarmos o ano de chegada de todos os grupos religiosos citados nessa pesquisa. Dessa forma, os grupos e igrejas onde não constam o ano de fundação entre parênteses, são aqueles onde não foi possível encontrarmos a data de sua implantação em Imperatriz.

A situação pluralista, que passa a configurar o mercado religioso da cidade, também foi caracterizada pela consolidação do espiritismo na década de 1960, que atualmente mantém cinco centros espíritas funcionando (Veras, 2013); e, a partir de 1970, pela presença das religiões de matriz africana, hoje com cerca de vinte terreiros, sendo dezoito de Umbanda e dois de Candomblé (Frota, Veras, 2023). Outras expressões religiosas também presentes na cidade são: a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (mórmons), Testemunhas de Jeová, Igreja Messiânica Mundial, Igreja Seicho No Ie do Brasil, Hinduísmo, Judaísmo, Islamismo, Budismo e religiões de tradição esotérica.

Essa diversidade de empreendimentos religiosos modificou profundamente a fisionomia religiosa de Imperatriz, que passou a apresentar uma face bem diferente daquela da primeira metade do século XX. Um retrato desse cenário pode ser visualizado a partir dos censos do IBGE, onde constam informações sobre a filiação religiosa do povo imperatrizense. Apesar das dificuldades em apresentarmos uma análise minuciosa das informações, devido às limitações do detalhamento dos censos, ainda assim é possível reproduzirmos uma imagem plausível sobre como o mercado religioso local foi se diversificando e se tornando mais dinâmico ao longo dos anos. Vejamos a tabela a seguir.

Tabela 1: População religiosa do município de Imperatriz entre 1950 a 2010

Censo	População	Católicos	Protestantes tradicionais	Pentecostais	Outras religiões
1950	14.064	96,9%	1,3%	*	*
1960	39.169	95,05%	4,3%	*	*
1970	80.827	91,3%	7,7%	*	*
1980	220.095	89,2%	2,7%	6,0%	*
1991	276.501	84,0%	2,8%	8,5%	*
2000	230.566	70,2%	5,0%	15,7%	0,48%
2010	247.505	56,04%	6,09%	21,72%	0,65%

Fonte: Adaptada de Costa (2019) a partir dos dados do IBGE. (*) Informação não disponível.

Ainda que o IBGE não tenha detalhado as informações, os dados desta tabela apontam para a diversificação religiosa da população Imperatriz, e, como veremos, para uma intensa mobilização e trânsito religioso. Esse retrato corrobora as teses da sociologia clássica do crescimento evangélico no Brasil que sustenta que os processos de migração, urbanização e especialização cultural tendem a favorecer o mercado religioso, tornando-o mais pluralizado e competitivo.

Com relação à filiação religiosa, os censos mostram que o processo de pluralização ocorreu paralelamente ao declínio da hegemonia da Igreja Católica, que ao longo dos anos foi perdendo seguidores para os demais grupos religiosos. Entre 1950 e 2010, por exemplo, o seu número de fiéis

foi reduzido em cerca de 40,86%, quando seu contingente de seguidores caiu de 96,9% para 56,04% do total da população.

Os protestantes tradicionais, por outro lado, representavam em 1950 apenas 1,3%. Em 1960 subiram para 4,3%, e em 1970 para 7,7%. No geral, entre 1950 a 1970 houve um aumento na casa de 6,4%. Todo esse crescimento tem a ver com a chegada de cinco novas igrejas, citadas no início desse tópico, que juntamente com a Igreja Cristã Evangélica, se tornaram os maiores concorrentes da Igreja Católica na cidade.

Sobre a redução dos protestantes, de 7,7% para 2,2%, isso pode ser explicado em razão de que a partir do censo de 1980, o IBGE passou a contabilizar esse segmento religioso como tradicionais e pentecostais. Após essa divisão, ficou evidente que o crescimento protestante até essa década foi decorrente do crescimento do pentecostalismo, que desde sua chegada a Imperatriz foi responsável por dinamizar o trânsito religioso na cidade.

O pentecostalismo cresceu sobretudo, através do trabalho religioso da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Imperatriz (IEADI), que obteve principalmente nas camadas sociais menos favorecidas, onde fez prosélitos das igrejas protestantes, mas sobretudo da Igreja Católica, que ao longo dos anos tem assistido seu número de membros reduzir. O pioneirismo da IEADI no movimento pentecostal de Imperatriz contribuiu para modificar a lógica da oferta de bens religiosos, como também para transformar a paisagem religiosa da cidade, tendo em vista que durante os seus anos de avanço, houve grande proliferação de templos dessa igreja nos bairros de Imperatriz.

A reação da Igreja Católica ocorreu somente em 1987, quando a circunscrição eclesiástica de Imperatriz foi elevada à condição de Diocese, desmembrando-se de Carolina e passando a responder à Arquidiocese de São Luís, a quem está subordinada jurisdicionalmente.

A criação da Diocese de Imperatriz permitiu à Igreja Católica trabalhar com mais estrutura e autonomia. Seu plano de ação evangelizador conta com auxílio de conselhos e comissões que coordenam e articulam suas atividades, que são realizadas a partir de diversos campos de atuação, tais como as pastorais, os movimentos carismáticos e de vida religiosa e as novas comunidades, todos atuando sob os regimentos internos da instituição. O documento que regula suas atividades de evangelização é o Plano Diocesano Pastoral (PDP) que estabelece diretrizes, projetos e metas para uma evangelização inteligente e eficiente.

A reestruturação da firma católica, contudo, não evitou a diminuição do seu número de fiéis, que até o censo de 2010 continuou em redução. Por outro lado, o pentecostalismo, capitaneado pela IEADI, foi o grupo que mais cresceu. Em 1991, quando passou a ser contabilizado em categoria

própria, representava 6% do total da população; em 2000 esse número subiu para 15,7% e em 2010 para 21,72%. No último censo, inclusive, totalizou cerca de 53.753 seguidores, contra 138.785 da Igreja Católica.

Também concorrendo com os grupos cristãos dominantes, os segmentos religiosos classificados na categoria “outras religiões” receberam efetiva atenção do IBGE somente a partir do censo de 1991, quando foram mencionadas de forma mais específica. Em virtude da indisponibilidade de informações até o referido censo, não foi possível contabilizar o número dos seguidores dessas religiões.

Entretanto, no censo de 2000, conforme a tabela 1, a representação religiosa desse grupo estava na casa dos 0,48% e em 2010 em 0,65%. Nessa categoria classifiquei os seguintes grupos: Espiritualista, Espírita, Umbanda, Candomblé, Judaísmo, Hinduísmo, Budismo, Igreja Messiânica Mundial, Islamismo e Tradições esotéricas. Todos esses grupos aparecem nos censos de 2000 e 2010 com seus respectivos números de seguidores.

Os últimos recenseamentos do IBGE, têm mostrado as alterações no perfil religioso da população brasileira, são as principais referências dos sociólogos das religiões no Brasil. Todavia, há indícios de falhas nas informações. O censo de 2010, por exemplo, indica que em Imperatriz havia apenas 40 membros das religiões de matriz africana. Pesquisadores como Veras (2013), no entanto, apontam a existência de mais de 20 terreiros na cidade, alguns com mais de 30 membros. Esse exemplo é ilustrativo de que a diversidade religiosa pode ser bem maior do que os dados do IBGE projetam.

O crescente pluralismo foi determinante para o acirramento das disputas no mercado religioso de Imperatriz. A chegada do neopentecostalismo há pouco mais de três décadas através da Igreja Universal do Reino de Deus acirrou ainda mais as disputas. O avanço desse segmento, no entanto, tem ocorrido de forma mais efetiva através das igrejas em células, que entraram na cena religiosa no início dos anos 2000, e são as principais responsáveis pela reconfiguração da oferta religiosa na cidade.

5. NEOPENTECOSTAIS: DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS À EXPANSÃO DAS IGREJAS EM CÉLULAS

Nos mercados religiosos, o surgimento de novas firmas ocorre em geral pela incapacidade de uma única organização atender toda a demanda religiosa. A diversidade das preferências religiosas é um dos elementos que explica essa situação. Assim, convivendo com a pressão para obtenção de resultados, as agências religiosas, estimuladas pela concorrência, tendem a racionalizar seu trabalho

objetivando atender os diferentes grupos de consumidores, incluindo aqueles que vivem em estado de apatia religiosa e insatisfeitos com os produtos ofertados por suas instituições.

Nessa situação, os consumidores exercem uma relativa influência no processo de produção dos bens religiosos, que tendem a ser padronizados, quando elaborados para atender as preferências de consumidores relativamente semelhantes ou diferenciados, quando fabricados para atender as necessidades religiosas variadas conforme as dinâmicas de cada mercado, ainda que essa diferenciação seja apenas um invólucro que contém no seu interior os elementos do velho produto padronizado (Berger, 1985).

Dos segmentos cristãos em Imperatriz, o pentecostal, é certamente o que apresenta a maior variedade de ofertas religiosas. Sobre isso, Passos (2005, p. 65) afirma que:

Os diversos grupos pentecostais guardam elementos básicos do velho paradigma que definiu seu começo histórico. [...] Guardam, ao que nos parece, os enredos originais que permitem fazer funcionar aquelas representações e práticas religiosas, enquanto vão sendo capazes de responder às necessidades dos fiéis, ao mesmo tempo utilizando as linguagens de cada época de forma a expandir suas ofertas. O paradigma pentecostal transforma-se ao longo de sua história, indo do mais teórico ao mais prático, do mais erudito ao mais popular, da menor à maior capacidade de oferecer soluções aos desamparos da existência pessoal e social, de uma linguagem mais hermética a uma linguagem mais social. Dizemos, então, que as ofertas pentecostais são conservadas e modificadas em função das demandas históricas advindas dos diversos contextos em que se instalam.

A mutabilidade das ofertas pentecostais norteia a própria lógica de reprodução do pentecostalismo, que em suas diferentes faces se apropria dos distintos elementos socioculturais dos contextos e lugares em que se instala. O neopentecostalismo, surgido no fim da década de 1970, é a vertente que mais se distanciou tanto no aspecto das crenças e práticas, como no aspecto organizacional, seja do protestantismo histórico ou do pentecostalismo.

Em Imperatriz a chegada das organizações neopentecostais ocorreu há pouco mais de três décadas por meio da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), no contexto de expansão nacional dessa firma religiosa. Em seguida, para completar o rol das igrejas fundadoras do neopentecostalismo metropolitano, veio a Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD).

O trabalho dessas igrejas, no entanto, provocou poucas mudanças no cenário religioso. Suas ofertas mágico-religiosas, apesar de atenderem determinado público de consumidores, não foram atrativas o suficiente para modificar substancialmente um mercado já dominado pela Igreja Católica e pela Assembleia de Deus. Dessa forma, até os dias atuais essas organizações operam como meras filiais de suas igrejas matrizes, subordinadas ao rígido sistema administrativo dos seus fundadores.

A IURD, por exemplo, apresenta baixas taxas de crescimento. No censo de 2000 contava com um quadro de 2.025 fiéis, tendo esse número reduzido para 1.453 no censo de 2010. Costa (2019) associou o pouco crescimento dessa instituição às tensões internas que enfrentou nos últimos anos, que resultou inclusive na saída de importantes líderes que fundaram igrejas concorrentes no mesmo segmento, como é o caso da IIGD e da Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD), ambas fundadas por agentes religiosos oriundos da IURD. A IMPD, inclusive, já possui templo em funcionamento há bastante tempo em Imperatriz.

Mudanças significativas nesse segmento só ocorreram a partir dos anos 2000 com o surgimento das igrejas em células, em sua grande maioria, fundadas por líderes evangélicos locais. O avanço dessas igrejas no mercado religioso local foi reflexo do que estava ocorrendo no mercado religioso brasileiro desde a segunda metade dos anos de 1990, quando começou a surgir no Brasil os primeiros centros de formação de lideranças evangélicas no sistema de crescimento em células. Além de formar líderes, essas agências também ajudavam na transição de igrejas do modelo tradicional para o modelo celular de crescimento⁷.

Em imperatriz, até onde sabemos, a primeira das igrejas em célula foi a Comunidade Evangélica Shalom, fundada em 1998 pela apóstola Antônia do Carmo. Em 2007, esta apóstola implantou na comunidade Shalom a visão celular de crescimento. Em junho de 2010, durante a realização do congresso internacional do M12 realizado em Manaus, foi consagrada apóstola. À frente da comunidade Shalom desde sua fundação, Antônia do Carmo tem realizado um trabalho relativamente exitoso. Em 2018 ao completar 20 anos de fundação já possuía filiais nos estados do Pará, Tocantins, Piauí, Distrito Federal e alguns trabalhos missionários fora do Brasil.

Outra empresa religiosa que aderiu ao movimento foi a Comunidade Evangélica Nova Vida (2001). Essa igreja nasceu da visão de um jovem que compartilhou o seu desejo de realizar o “ide de Jesus” com um pequeno grupo de aproximadamente 25 pessoas. Em 2002 esse grupo começa a realizar oficialmente seus primeiros cultos. Em 2005 consolidou o Modelo dos 12 como estratégia de

⁷ Os pioneiros desse movimento no Brasil foram o Movimento de Igreja em Células (MIC), fundado pelo pastor Robert Lay, da igreja Irmãos Menonita em Curitiba, Paraná; o Governo dos 12 (G12), fundado por César Castelhanos na Colômbia, mas trazido ao Brasil pela apóstola Valnice Milhomens, da Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (INSEJEC), e pelo apóstolo René Terra Nova, que rompeu com Castellanos e fundou o Modelo dos Doze (M12), vinculado ao Ministério Internacional da Restauração (MIR) de Manaus. Por último, temos o Modelo de Discipulado Apostólico (MDA), fundado pelo pastor Abe Huber, líder da Igreja da Paz (1976) de Santarém, Pará. O modelo se consolidou apenas em 1999, período em que a Igreja da Paz se tornou em um grande polo de treinamentos na visão MDA para líderes evangélicos de todo país.

crescimento e multiplicação. No ano de 2008 passaram a realizar seus cultos, festas e demais eventos em templo próprio, com capacidade para cerca de três mil pessoas.

O fundador dessa comunidade, Alex Nunes Rocha, é formado em pedagogia, bacharel e mestre em teologia, além de ser autor de livros e ofertar cursos voltados para o público religioso. Converteu-se ao cristianismo na Igreja Batista Memorial, e possui passagens na Comunidade Evangélica Shalom, onde foi consagrado a pastor juntamente com sua esposa. Após se desligar dessa comunidade, fundou a Comunidade Evangélica Nova. Em 2009 foi consagrado a apóstolo no congresso internacional M12 em Manaus.

Em julho de 2011, em um único evento realizado nas margens do rio Tocantins, o apóstolo Alex Rocha batizou mais de três mil pessoas. Em menos de três anos foram mais de sete mil fiéis batizados por esse líder religioso (Costa, 2011). Seu estilo carismático, sua visão empreendedora e o tipo de oferta religiosa da sua igreja foram cruciais para o crescimento de sua organização, que atualmente possui cerca de 10 filiais nos bairros de Imperatriz, e em várias outras cidades da região e nos estados do Tocantins, Pará, Piauí e Minas Gerais.

Das igrejas em células que surgiram nesse período, o caso da Igreja Evangélica Nova Aliança (IENA) também tem sido notório. Sua fundação ocorreu em julho de 2005, após uma cisão da tradicional Primeira Igreja Batista de Imperatriz (PIBI), que por não aceitar as inovações promovidas por seu líder, pastor Raimundo Nonato, o destituiu da posição de pastor da igreja. Após seu desligamento da Primeira Igreja Batista fundou a Igreja Evangélica Nova Aliança.

O mercado religioso local se mostrou receptivo à oferta religiosa da IENA, e seu crescimento foi ocorrendo gradualmente. Após cinco anos de fundação já contava com aproximadamente 2.500 pessoas. Após oito anos esse número subiu para cerca de 4.000 membros com aproximadamente 400 células em atividade (Souza, 2014). Ao completar 13 anos de fundação, seu total de membros estava entre 7.000 e 8.000 pessoas. Apesar da igreja não nos apresentar um registro oficial do seu número de fiéis, a estimativa de alguns entrevistados, incluindo o pastor Raimundo Nonato, é que o número total de filiados da IENA seja superior aos 10.000, apenas na cidade de Imperatriz⁸.

Até a realização dessa pesquisa, finalizada em 2024, a IENA contava com aproximadamente 23 templos somente na cidade de Imperatriz⁹. No entanto seu crescimento ocorre também nos níveis

⁸ As informações sobre a quantidade de membros dessa igreja religiosa foram obtidas através de depoimentos e entrevistas com líderes da IENA e de uma pesquisa realizada por Souza (2014). Até o presente momento o IBGE não publicou o censo de 2022 de onde poderíamos extrair e analisar os dados sobre a filiação religiosa da cidade de Imperatriz.

⁹ Essa quantidade de igrejas ligadas a IENA corresponde ao número que nos foi informado em 2024, ano em que finalizamos esta pesquisa. Em virtude da implantação de novos trabalhos esse número pode ter sido alterado. Ainda no ano de 2024, houve também a cisão da instituição. No dia 04 de agosto de 2024 o líder geral da IENA comunicou em culto

regional, nacional e internacional. No total, são aproximadamente 155 igrejas vinculadas a IENA. No Brasil, ela está presente nos seguintes estados: Bahia, Mato Grosso do Sul, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins. Além do Brasil, ela também igrejas e trabalhos na Argentina, Bangladesh, Colômbia, Estados Unidos, Inglaterra, Itália, Portugal, Moçambique, Polônia e Uruguai.

Dentre os fatores que contribuíram para que a IENA se tornasse uma importante organização no mercado religioso de Imperatriz, destacam-se: seu trabalho de renovação das atividades litúrgicas no meio evangélico; a implantação de novos métodos de evangelização, crescimento e multiplicação de igreja; a inovação no âmbito da gestão eclesiástica e organizacional; e a implementação de ofertas religiosas com discursos, crenças e práticas ressignificadas.

Apesar das semelhanças, a visão celular de crescimento adotado por essas firmas religiosas possui suas especificidades. O que há de comum, no entanto, é que se trata de um sistema de evangelização que consiste em formar pequenas células ou grupos de até doze ou quinze membros com objetivo de os capacitar para formarem outras células e ganharem mais pessoas e assim continuar multiplicando as células e o número de membros da igreja. Associados a esse mecanismo, estão: os ‘encontros com Deus’, onde o participante é doutrinado e recebe ministrações de cura emocional, libertação e avivamento espiritual; e as escolas de liderança, que oferecem cursos de formação às pessoas que são arregimentadas pelas igrejas.

A oferta dessas igrejas pode ser classificada como mágico-religiosa e abrange uma diversidade de serviços, dentre os quais destacamos: cura divina; milagres; prosperidade financeira; salvação; libertação; cura interior, e socialização decorrente da filiação religiosa. Essa diversidade de oferta permite essas igrejas atenderem um público diversificado. Há ainda uma facilidade na adaptação de suas práticas e mensagens às necessidades e expectativas de diferentes grupos. Não por acaso seus templos estão presentes tanto nos bairros centrais como em bairros mais periféricos de Imperatriz.

O trabalho religioso dessas três firmas é ilustrativo de como o neopentecostalismo tem passado por um processo de renovação na cidade com efeitos fortes na reconfiguração do mercado religioso local. Até o início dos anos 2000, como vimos, esse segmento religioso apresentava um crescimento baixo e não conseguia atender a demanda religiosa de certos grupos da sociedade imperatrizense. A presença dessas organizações religiosas com seus sistemas gerenciais diferenciados altera

oficial que o pastor Ricardo Massay, membro do conselho da igreja e presidente da Igreja Evangélica Nova Aliança Esperança estava rompendo seu vínculo com a instituição e que a igreja que ele preside passou a ser uma instituição autônoma, sem vínculos com a rede de igrejas da qual Raimundo Nonato é líder geral, inclusive passando a se chamar apenas de Igreja Esperança.

consideravelmente a dinâmica do mercado, a ponto de despertar atenção dos concorrentes em razão do elevado número de membros que eles têm perdido para essas novas igrejas.

Além dessas três igrejas, inúmeras outras têm surgindo no mercado religioso local. As igrejas são de diferentes origens, algumas são fundadas por líderes locais, outras são filiais de grupos maiores, como é o caso da Igreja Alagoinha de Imperatriz, do grupo de igrejas pertencente à família Valadão com sede em Belo Horizonte. A diversidade de igrejas é um retrato do processo de pulverização institucional desse mercado sendo, portanto, um valioso campo de pesquisa para análises dos processos religiosos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na teoria do mercado religioso, as instituições religiosas são compreendidas como empresas ou firmas que disputam entre si o controle da oferta de bens e serviços no mercado religioso. Este, por sua vez, vai se especializando na medida em que as estruturas sociais vão sendo modificadas pelo processo histórico, que também gera novas condições para o surgimento de novas práticas e ofertas religiosas. Este trabalho tentou delinear uma visão geral do mercado religioso de Imperatriz, mostrando como ao longo dos anos ele saiu de uma condição de mercado monopolizado, para uma situação plural.

Ao longo da discussão, mostramos que esse processo ocorreu devido às condições de liberdade religiosa que passou a existir no Brasil após a Proclamação da República em 1889. Somados a isso, buscamos mostrar outras variáveis igualmente importantes como o processo de urbanização da cidade, especialmente a partir da década de 1950, contexto de construção da Rodovia Belém-Brasília.

Na segunda metade do século XX vimos intensificar o pluralismo religioso em Imperatriz. O impacto dessas mudanças afetou diretamente a Igreja Católica, que ao longo dos anos foi perdendo membros, para os protestantes e pentecostais, mas em especial, para a Igreja Evangélica Assembleia de Deus, que chegou na cidade em 1952 e se tornou sua maior concorrente na cidade. Destaque também para a chegada de outras organizações, a exemplo das religiões Espiritualista, Espírita, Umbanda, Candomblé, Judaísmo, Hinduísmo, Budismo, Igreja Messiânica Mundial, Islamismo e Tradições esotéricas.

A consolidação de liberdade e pluralismo religioso favoreceu algumas organizações marginalizadas, como as religiões de matriz africana que passaram a transitar por espaços públicos da cidade em busca de reconhecimento e visibilidade. Nos últimos anos esse segmento tem se organizado especialmente a partir de associações, e buscado subverter a invisibilidade dos membros e frequentadores das religiões de terreiro.

Pelo tamanho do impacto causado, os grupos neopentecostais merecem atenção nesta conclusão. Alguns têm passado por um vigoroso crescimento, deixando para trás concorrentes tradicionais do seu próprio segmento como as igrejas Universal do Reino de Deus e Internacional da Graça de Deus.

A implementação do sistema de evangelização em célula foi uma das novidades trazidas por essas novas organizações neopentecostais. Conforme vimos, esse modelo de evangelização privilegia a gestão de pessoas em pequenos grupos, focando no desenvolvimento da vida espiritual, emocional e material dos seus seguidores, o que exige das igrejas uma razoável estrutura organizacional e um forte investimento em cursos e treinamento de líderes.

O surgimento das igrejas em células pode ser compreendido sociologicamente como novos modelos organizacionais implantados para atender as novas dinâmicas não somente das organizações como da própria sociedade e do perfil da clientela. São modelos organizacionais pensados como alternativas de gerenciamento e administração de pessoas, estruturados mediante rupturas de modelos de gestão tradicional com impactos direto na eficiência das organizações religiosas.

Nesse aspecto, o campo evangélico-neopentecostal é, provavelmente, o segmento mais inovador e disruptivo entre as organizações religiosas. A racionalização das atividades desse segmento é uma resposta a forte concorrência religiosa que demanda de suas lideranças a necessidade de reinventarem seus modelos organizacionais e administrativos para se manterem competitivas no mercado.

No caso do mercado religioso de Imperatriz, ao que parece, essa tem sido a lógica que tem caracterizado o trabalho das firmas evangélicas, em especial das firmas neopentecostais que adotam o modelo de visão celular e crescimento, conforme mostramos nessa pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BERGER, Peter. L. **O Dossel Sagrado**. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.
- BERGER, Peter. L. **Os múltiplos altares da modernidade**: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista. Petrópolis: Vozes, 2017.
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira. **Católicos, protestantes e espíritas**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CARREIRO, Gamaliel da Silva. **Análise sócio-desenvolvimental do crescimento evangélico no Brasil**. Tese de doutorado. Universidade de Brasília-UNB. Brasília, 2007.

CARREIRO, Gamaliel da S. **Evangélicos Urbanos do Brasil**. 1. ed. São Luís: EDUFMA, 2017.

COSTA, Moab César Carvalho. **Mudança de ethos do pentecostalismo clássico para o neopentecostalismo**. Estudo de caso: a Assembleia de Deus em Imperatriz-MA. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Goiás-PUC. Goiânia, 2011.

COSTA, Moab César Carvalho. **O aggiornamento do pentecostalismo**: as Assembleias de Deus no Brasil e na cidade de Imperatriz- MA (1980-2010). Editora Recriar, São Paulo, 2019.

D'EPINAY, Cristian Lalive. **O Refúgio das Massas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FRANKLIN, Adalberto. **Breve história de Imperatriz**. Imperatriz: Ética, 2005.

FRANKLIN, Adalberto. **Apontamentos para história econômica de Imperatriz**. Imperatriz: Ética, 2008.

FROTA, Polyana Almeida; VERAS, Rogério de Carvalho. **“E nós somos o quê?”**: razões e formas de organização da Associação de Terreiros de Religião e Cultura de Matriz Africana (ASTERCMA) em Imperatriz-MA. In: SOUSA, Emilene Leite de; RAFAEL, Estevão; FERNANDES, Karla Leandro Rascke, et al. (Org.). Memórias, educação e religiões dos povos amazônidas. Ponta Grossa: Atena, 2023. p. 168-187.

GUERRA, Lemuel Dourado. **Mercado religioso no Brasil**: Competição, demanda e a dinâmica da esfera da religião. Tese de doutorado. Universidade Federal de Pernambuco-UFPI. João Pessoa, 2000.

GOMES JÚNIOR, Evaldo. **Fronteira e reestruturação produtiva na Amazônia Brasileira (2003-2013)**: um estudo sobre a mudança na hierarquia urbana do município de Araguaína (TO) na Amazônia Oriental. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP. Campinas, 1993.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: Sociologia do Novo pentecostalismo no Brasil. 5ª ed. Edições Loyola, São Paulo, 2014.

MARIANO, Ricardo. **Análise sociológica do crescimento pentecostal no Brasil**. 2001. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

MONTERO, Paula. **Secularização e espaço público**: a reinvenção do pluralismo religioso no Brasil. Etnográfica, vol. 13 (1), 2009, posto online no dia 16 março 2012, consultado o 10 fevereiro de 2022.

MOURA, Taianne Maiara Oliveira. **Cisão da Primeira Igreja Batista de Imperatriz-Ma**: um olhar a partir da perspectiva dos líderes Batistas envolvidos no conflito. UFMA 2018.

NEGRÃO, L. Pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil contemporâneo. **Sociedade e Estado**, [S. l.], v. 23, n. 2, 2017.

NOGUEIRA, Cláudia Romaneli. Imperatriz: de Vila à Cidade Comercial e Ponto de Apoio no Desenvolvimento Amazônico. **Espaço Aberto**, v. 3, n. 1, p. 129–154, 2013.

OLIVEN, Ruben George. **Urbanização e mudança social no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2010.

PASSOS, João Décio. **Pentecostais: origens e começo**. São Paulo: Paulinas, 2005.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. Pluralismo Religioso. In Dicionário para entender o campo religioso, volume 1. REIS, Lívia; et al (Org.). **Rio de Janeiro, Instituto de Estudos de Religião**, 2023.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa**. Petrópolis: Vozes, 1985

SANTOS, Lyndon de Araújo. **As outras faces do sagrado: protestantismo e cultura na primeira república brasileira**. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Assis, 2004.

SIEPIERSKI, Paulo D. A inserção e expansão do pentecostalismo no Brasil. In: **História das Religiões no Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002.

SOUSA, Bertone de Oliveira. **As igrejas Neopentecostais e a redefinição do Protestantismo no Brasil: um estudo de caso em Imperatriz- MA e Araguaína- TO (1990-2013)**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Goiás- UFG. Goiânia, 2014.

SOUZA, Beatriz Muniz de. **A experiência da salvação: pentecostais em São Paulo**. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

SOUZA, José Roberto Ferreira de. Industrialização e desenvolvimento socioeconômico em Imperatriz do Maranhão: exercício de avaliação por meio de índice não tradicional. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Goiás-PUC. Goiânia, 2020.

STARK, Rodney. Trazendo a Teoria de Volta. In **Revista de Estudos da Religião- REVER**, nº 4, pp 1- 26. São Paulo, 2004.

STARK, Rodney; BAINBRIDGE, William Sims. **Uma teoria da religião**. São Paulo: Paulinas, 2008.

VELHO, Otávio Guilherme. **Frente de expansão e estrutura agrária: estudo do processo de penetração numa área da Transamazônica**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009.

VERAS, Loyde Anne Carreiro Silva. **Memórias da Terra de Beulá: a construção de uma vida e produção de um lugar nas autobiografias de Eva Mills**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Paraná- PUCPR. Curitiba, 2017.

VERAS, Rogério de Carvalho. O povo da água: sincretismo e poder no campo espírita de Imperatriz-MA. In **Todas as águas vão para o mar: poder, cultura e devoção das religiões**. São Luís - EDUFMA, 2013.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Volume 2, São Paulo: Editora UNB; Imprensa oficial, 2004.

Data de submissão: 28/01/2025

Data de aprovação: 10/03/2025